

Palestra do Guia Pathwork n° 172
Palestra Anteriormente Editada
28 de março de 1969.

OS CENTROS DE ENERGIA VITAL

Saudações, meus amigos. Bênçãos sob a forma de amor, força e compreensão estão chegando, na medida em que vocês os geram em seu interior. Nessa mesma medida serão capazes de perceber e aceitar a bênção que jorra sobre vocês.

A palestra desta noite será um começo do tópico do qual eu iniciei a discussão na vez passada, aquele dos centros energéticos da estrutura humana. Há muito a dizer sobre isto. Dividiremos este tópico em três aspectos fundamentais. O primeiro aspecto tratará do que determina o funcionamento desses centros energéticos. O segundo diz respeito à função específica de cada centro. Na última sessão de Perguntas e Respostas me perguntaram sobre alguns deles e eu comeci, de forma limitada, a dar uma breve resposta. Assim, um pouco dessa segunda parte será uma repetição para aqueles que estavam presentes. O terceiro aspecto discorrerá sobre o cultivo desses centros e sobre práticas com as quais os canais congestionados que levam a eles podem ser abertos. Vocês devem entender, meus amigos, que este mesmo Pathwork no qual se encontram engajados, a sua autoconfrontação, o desenvolvimento da sua coragem de olhar para si mesmo na verdade (o que absolutamente não é tão fácil como se acredita antes de começar) é já o aspecto mais essencial de uma prática assim. Pois qualquer prática que seja mecânica – que lide meramente com exercícios de concentração, respiração, etc. – não pode de modo algum preencher o seu propósito. Assim, a base é sempre expandir a sua consciência, a sua visão, sua percepção da sua própria verdade e, portanto, do seu relacionamento com o Universo e por consequência da Lei Universal e da Criação. Isso será revelado por aquilo que eu tenho para lhes explicar sobre o primeiro aspecto a ser discutido agora.

O que determina a função apropriada da força vital do homem, logo dos centros de energia, só pode ser entendida se nós obtivermos uma visão global da estrutura da personalidade humana. Para isso é necessário recapitularmos um pouco. A força vital é a mesma força criativa que vivifica todo o Universo. Ela contém todos os elementos da vida e todos os potenciais para manifestar e expressar a vida em sua miríade de formas. É esta uma força tão poderosa que deve ser adaptada, deve ser modificada de forma a não explodir um organismo cuja consciência não seja ainda forte o bastante para aceitar esse poder total. Portanto, cada organismo vivo possui centros especiais que convertem, assimilam, modificam, equilibram o poder que assim flui para o seu interior. A força vital contém em si mesma todas as possibilidades para a expressão da vida, para a energia, saúde, felicidade, modalidades de autoexpressão. Os centros de um ser humano são infinitamente mais diferenciados e complexos do que aqueles, digamos, de uma folha de grama. Isso porque o ser humano tem proporcionalmente mais possibilidades de autoexpressão variada que a folha de grama. O fluxo da força vital para o interior do organismo deve ser “metabolizado”, distribuído e ajustado. De outra forma a força seria poderosa demais, como eu já disse. Caso a consciência humana esteja dividida e em conflito, se, por um lado, ela estiver suficientemente preparada para “metabolizar” um poder

mais variado, porém, por outro lado, estiver desequilibrada e perturbada, os centros se fecham. Eles se tornam congestionados. O processo de autopercepção também significa a abertura desses centros.

Além do mais deve ser entendido que o corpo físico do ser humano não passa de um reflexo grosseiro do corpo real, quer dizer, do seu corpo espiritual, eterno. Neste último existem todos os órgãos e funções em um grau infinitamente mais sutil e refinado do que pode ser encontrado na estrutura física. Esse corpo do ser eterno não pode, naturalmente, ser visto pelo olho humano. Não obstante é muito mais real que qualquer coisa vista pelo homem. Esse corpo tem várias camadas mais grosseiras que o recobrem, de acordo com os diversos níveis de consciência que existem quando uma entidade não está ainda unificada com o seu Self Espiritual. Os outros corpos sutis refletem os vários estados dos níveis da mente e da personalidade de um indivíduo. O nível físico é a manifestação externa mais grosseira e temporária, expressando o nível de consciência que é mais alienada da sua origem – o Ser Espiritual.

Os centros existem em perfeita forma e funcionamento no corpo espiritual. Existem órgãos visíveis, como o coração e os rins são órgãos visíveis no corpo físico. Os diversos outros estados de consciência, representados por corpos sutis específicos, também contém tais centros, mas já alterados em seu funcionamento, de acordo com o grau de desunião com a estrutura espiritual. No organismo físico esses centros só podem ser detectados indiretamente. O sistema glandular os reflete e o seu funcionamento é também determinado por eles. Mas a abertura ou fechamento dos centros, o seu funcionamento perfeito ou seu congestionamento, pode ser claramente experimentado. O efeito tem marcas físicas distintas. Contudo, os próprios centros não são visíveis para o homem.

Mas o que determina o funcionamento perfeito desses centros energéticos e, portanto a vida assimilação da força vital? Ela depende inteira e exclusivamente do estado de consciência. Uma vez que a consciência é a origem de tudo que existe, ela necessariamente condiciona o mais importante sistema do funcionamento vital. Cada crença, opinião, conceito e ideia determinam os sentimentos, as atitudes as reações e expressões do homem na vida. É inconcebível que um indivíduo seja indiferente a uma ideia profundamente incrustada ou que ele não seja afetado por ela. E eu não quero dizer apenas ideias e opiniões conscientes. As inconscientes são até mais importantes porque não podem ser reorientadas. Um indivíduo que é o que chamamos realizado, seja ainda em seu corpo físico ou tendo já transcendido o estado corpóreo, está em verdade. Ele não sabe tudo, mas tem uma mente aberta. Está livre de concepções errôneas. Nenhuma falsa crença cria medo, defesa, negatividade, emoções destrutivas. Alguém que esteja em verdade a respeito de si mesmo percebe a natureza benigna do Universo. Ele é aberto, alegre, sem um traço de apreensão. Portanto ele pode se expandir de forma harmoniosa. Nesse estado leve, sem tensão, sem defesa, relaxado, do corpo, da mente e dos sentimentos, os centros estão abertos. Eles permitem que a força vital flua fácil e livremente e distribuem o tipo correto de energia no interior do organismo, onde quer que os aspectos da Grande Força sejam necessários. Não há questionamento ou bloqueio, uma vez que não há medo. E sem medo não pode existir negatividade, limitação de conceito.

Quanto mais você se desenvolve e cresce, mais consciente se torna de como cada ideia equivocada cria sentimentos destrutivos, negatividades, conceitos limitados do self e da vida. Temos falado por um tempo considerável em nossos ensinamentos aqui da importância da visão do mundo dualista, em oposição a uma visão do mundo unificado. Um estado dualista de consciência percebe a vida sempre em termos de ou/ou, bom ou mau, isto ou aquilo, um excluindo o outro. Toda a esfera humana é doutrinação com esse erro. Isso é difícil de entender para alguém que ainda não entrou

profundamente em seu ser mais íntimo. Aquele que o fez em um grau considerável e, portanto, superou algumas ilusões fundamentais a respeito de si mesmo, alguns bloqueios a esse respeito, descobre como o Universo se expande para ele em possibilidades abrangentes. Onde a princípio ele estava convencido de que tinha de perder, que tinha que fazer escolhas insatisfatórias, ele futuramente chega a um estado onde nada perde, através do crescimento em integridade e objetividade. Quando a ambição falsa e infantil abre espaço, quando o sacrifício falso e autolimitador deixa o caminho, uma inteireza de experiência surge fora dessa dualidade.

O funcionamento adequado dos centros vitais não é possível quando o ser humano ainda está envolvido no conflito dualista. Talvez o dualismo mais básico – como foi discutido em outra ocasião, em diferentes contextos – seja a questão da moralidade versus o prazer; do egoísmo versus o altruísmo; da autoprivação versus a privação dos outros. Todo o conceito de bem e mal deriva desta concepção de vida arbitrária, desnecessária e equivocada. Toda a civilização humana, quase todas as filosofias, estão envenenadas pela divisão básica na consciência humana. Enquanto vocês, meus amigos, acreditarem que têm que tomar uma decisão entre ser bons e obter as suas vantagens, vocês inevitavelmente estarão em um terrível conflito. Só quando alcançam a percepção, a experiência, de que privar a si mesmo deve no fim privar aos outros e, contrariamente, que ao obter as suas verdadeiras vantagens (que podem não ser aquelas limitadas, infantis, que se originam de uma perspectiva tacaña e temerosa que se expressa como “ou isto ou nada mais”), vocês, no fim das contas, também beneficiam aos outros, ficarão livres do conflito. Para atingir esse estado mais amplo de consciência é preciso, primeiro, compreender a sua convicção profundamente plantada de limitação, de ter que tomar decisões do tipo “eu contra os outros”, você primeiro experimentará exatamente essas situações, nas quais parece realmente ser inevitável abrir mão de um em nome do outro. Pois você tem que ter experiências de acordo com suas crenças. Aquilo em que você acredita cria a condição. Assim uma falsa crença deve se provar verdadeira até que a pessoa comece a perceber a relação entre crença e experiência. Se você aceitar que a sua crença interior, “invisível”, cria essa dificuldade de ter que se equilibrar entre a sua vantagem em oposição àquelas de outros, você terá que lidar com essas condições limitadas, criadas por você mesmo, e terá que cuidar de cada instância separadamente com inteligência, com total investimento, com decência e integridade. Nenhum sentimentalismo temeroso deve turvar a visão dos seus direitos. Nenhuma ambição infantil deve racionalizar o seu autocentramento. Ambos devem ser vistos e superados. Como consequência muitas decisões serão tomadas, cada uma diferente. Cada perda em breve será revelada ilusória. Uma vez, você vê que o que está em jogo não lhe garante seu desejo por autogratificação. De outra, você abrirá mão do altruísmo porque o que está em questão não lhe traz autoprivação. Você será cada vez mais governado por considerações genuínas e não pelo medo da desaprovação, pela dependência da opinião alheia favorável, pelo medo da frustração e pela inability de suportar a não gratificação. À medida que o processo avança, em breve você vai ter a visão de que não existe realmente nenhuma divisão entre a sua realização e os seus interesses e aqueles dos outros. A longo prazo tudo isso se funde. A verdade subjacente concilia a ambos. Mas você não pode alcançar esse estado de consciência por um baixo preço. Ele requer o seu total investimento e envolvimento em cada questão, não importa o quão aparentemente insignificante. Dessa forma o dualismo é transcendido e, conseqüentemente, o medo, a ambição, um senso de privação e portanto a raiva, a hostilidade com todas as suas derivações. A sua consciência percebe, experimenta e obtém cada vez mais a abundância ilimitada que o Universo tem guardado para todas as criaturas. O primeiro passo deve ser saber da sua existência potencial.

Enquanto você viver nesse conflito básico, nessa divisão de consciência, você acreditará que tem que se privar para ser um ser decente e amoroso. Não é natural que tal dificuldade induza sen-

timentos de ressentimento, frustração, raiva, ódio por si mesmo e culpa? E não é natural que tais sentimentos fechem as faculdades psíquicas, os cursos do fluxo sadio de energia? Quando as emoções são comprimidas devido a tais sentimentos negativos, a estrutura física também se comprime, com o tempo. A compressão dos centros, no corpo e no espírito, é sempre um reflexo de emoções de apreensão, raiva, culpa, ódio e medo.

Essa dualidade cria a reação em cadeia mencionada aqui: perspectiva negativa, conceito limitado, conflito entre o eu e os outros, emoções negativas e, portanto limitação de experiência. Estabelece-se um estado de consciência no qual você, de forma sutil porém definida, proíbe a sua própria expansão. À medida que você se torna mais consciente de si mesmo, no curso da autoconfrontação, você também começa a detectar essas pequenas e sutis reações que indicam como você se impede de expandir-se, de ter experiências de prazer. Você descobre o quanto está temeroso de usar o máximo dos seus potenciais.

Qualquer ideia limitada das suas potencialidades é um resultado de uma reação em cadeia como essa. A verdadeira doença humana é o resultado do não uso de todos os potenciais para criar uma vida boa, para criar as melhores circunstâncias. Na medida em que você represa os seus potenciais de expansão, de criar melhores condições, de experimentar sentimentos mais profundos de prazer de todas as maneiras possíveis, você dá continuidade a um círculo vicioso. O resultado será frustração, limitação, a qual se presume então ser a natureza da vida – pelo menos no que lhe diz respeito. A convicção que se aprofunda aumenta os sentimentos negativos, as defesas espessas, os centros fechados. Enquanto você se sentir obrigado a tomar a trágica decisão entre bondade e alegria, moralidade e prazer, interesse próprio e amor, você não pode jamais escolher inteiramente e fica tão confuso e perturbado que reage de forma cega e rígida, sem saber o que o governa. O maior “pecado”, se quisermos usar essa palavra, é ignorar os seus potenciais, as possibilidades de felicidade, construir cercas desnecessárias à sua volta, além das quais você pensa que não pode ir.

Como tudo isso afeta o centro específico? Para entender isto devemos compreender primeiro o significado de cada centro e a sua função peculiar. Aqui eu tenho que repetir alguma coisa do que eu disse na última sessão de Perguntas e Respostas, para não quebrar a continuidade.

O primeiro deles é o centro sexual, localizado na base da espinha. Quando menciono sexualidade quero dizer algo que vai além do prazer genital limitado. Ela compreende a expansão total do amor pessoal para o sexo oposto; é a capacidade que tem o indivíduo de experimentar prazer em todos os níveis – o físico, o emocional, o mental, o espiritual – sem um traço de apreensão, tensão, ganância, separação. É a capacidade de dar e receber sem defesas. Ela é certamente, a capacidade de se dar aos processos involuntários de sentimento sem a necessidade do ego de estar no controle. Implica uma atitude confiante e de aceitação em relação ao próprio inconsciente, com todas as suas reações e movimentos. Como todos vocês sabem isso é extremamente difícil para todos os seres humanos. Mas se for buscado o centro sexual pode ser aberto. Ele não será congestionado pela necessidade do ego de estar no comando absoluto. Como pode uma pessoa reagir sem ameaças a esse respeito quando toda a sua consciência e percepção da vida estão atreladas à limitação, à privação e, portanto a sentimentos negativos que ela temerá por certo expor? Assim o centro deverá estar fechado – parcial ou completamente. Por conseguinte a privação será engendrada porque o fluxo total da energia vital, com todas as suas faculdades regeneradoras, vivificantes, energéticas e que aumentam a saúde não podem ser realmente ativadas.

O segundo centro fica no plexo solar. A sua abertura cria uma conexão com a sabedoria Espiritual, com a consciência do Ser Espiritual e, portanto aumenta os sentimentos gerais de amor, pois quando você está em verdade, você ama. A abertura do centro sexual capacita a entidade para o processo sempre presente e sempre em curso da criação em relação ao prazer supremo, êxtase. Esse contato é feito em conjunção com um outro ser humano amado. A abertura do canal do plexo solar estabelece a conexão com a verdade e a bondade constantes, sempre presentes e existentes da Realidade Última. Essa vida real, sempre em avanço, pode ocasionalmente ser detectada, percebida, sentida. Isso geralmente acontece quando você realmente ama e, assim, transcendeu o conflito dualista. Ou ocorre quando você descobre, frequentemente por força de eventos aparentemente insignificantes, a sua verdade interior onde antes não a tinha visto. O espírito dessa descoberta é então de aceitar, e não rejeitar, o self e a vida. A percepção do processo contínuo da vida em sua infinita maravilha de grandeza, sabedoria, amor e prazer é totalmente diferente da percepção comum, que é “eu tenho que atingir um novo estado”. Tal realização seria impossível se não já existisse em um outro nível de realidade. O que você realmente tem a fazer é descobrir essa existência considerando primeiro a sua possibilidade. Assim você deve perceber todos os estados de felicidade como já existentes; toda a sabedoria que você jamais precisou como já existente; deve perceber como previamente existente todo o funcionamento, as atitudes e a realização do seu poder e potenciais criativos, harmoniosos e equilibrados, e que você está separado de tudo isso por uma parede. Você deve remover essa parede. Mas o processo contínuo de uma outra vida já está lá. Nos seus bons momentos, meus amigos, vocês estão conscientes disso. Vocês estão conscientes de que contataram outra dimensão de realidade que está sempre lá. Nessa dimensão há paz e alegria absolutas; nela existem todas as respostas e existe vida eterna, e não há nada a temer. Só quando você está desligado dessa realidade e começa a duvidar ou esquecer dela é que você se acha em verdadeiro conflito.

O prazer supremo sem ansiedade é uma realidade sempre existente em você agora mesmo – e tudo que o está separando dele é a ausência de conhecimento sobre ele, os seus medos e apreensões, a sua própria permissão, por assim dizer, para experimentar essa realidade. Então é verdade que a sabedoria sempre viva e apropriada, à medida que você precisa dela em qualquer instante da sua vida, já está lá. Você só está separado dela pelo seu desconhecimento, por se identificar com outras fontes de sabedoria que são, na melhor das hipóteses, uma pobre substituição. Esta pode ser o seu intelecto, suas emoções inexploradas, que são meramente reativas a atitudes cuja natureza você não explorou, o poder de outras pessoas sobre você, ou todas essas coisas juntas. Frequentemente você desiste de estabelecer contato com esse canal, mesmo quando já experimentou a sua disponibilidade imediata porque você tem medo dos bons sentimentos que resultam da sua profunda sabedoria. Você não quer abrir todos esses canais e centros e deixar-se fluir em uníssono com os movimentos cósmicos universais. Você está com muito medo e com muita raiva para fazê-lo. E esse medo e essa raiva devem antes de tudo, tornar-se consciente. Também o medo da decepção, a falta de coragem para ser feliz, impede que você se expanda nesse reino de realidade onde se acham as soluções para tudo. No plexo solar se encontra o centro que o conecta com a sabedoria suprema com relação a tudo que você jamais precisou ou poderia saber. Tal sabedoria profunda remove o medo e faz fluir o amor.

Eu quero acrescentar aqui que os centros têm algumas subdivisões, ou reflexos. Isto é para evitar confusões. Estas podem às vezes ser interpretadas como centros diferentes. Por exemplo, o centro na base da espinha tem outros pontos de projeção ou de concentração na pélvis, na genitália. O centro das costas tem outros pontos de concentração, acima e abaixo dele.

O próximo centro fica nas costas. A sua faculdade é a vontade. Ora, até aqui podemos ver que temos lidado com três funções humanas básicas: sentimento, conhecimento e vontade. Caso exista harmonia entre essas três funções, existe interação perfeita e não exagero de uma em expensas de outra. O centro da vontade é também o centro do ego, da agressividade, da autoafirmação, da resolução, da identidade, da autorresponsabilidade, da autonomia. Todas essas atitudes estão centradas nas costas e de lá provêm. Como indicado antes, existem duas subdivisões – uma na nuca e a outra mais abaixo, aproximadamente entre os omoplatas. Ambos são reflexos de um centro, que está localizado mais “internamente” no corpo espiritual, talvez em algum lugar entre elas. Ele se manifesta no corpo físico basicamente nesses dois lugares.

Caso o ego não esteja plenamente desenvolvido no sentido mais saudável, esse centro de energia é pouco ativo. A energia não flui facilmente através dele. Da mesma forma, se o ego for excessivamente comprimido, duro, ansioso, muito rígido, muito obstinado, isso implica outra faceta do mesmo problema. Algumas personalidades acham mais prático dramatizar a fraqueza e assim tentar fazer disso um ganho. Outras contrabalançam o medo do seu ego fraco enfatizando em demasia a pseudoforça. Ambas as atitudes podem resultar em problemas que se manifestam no corpo e na mente. Tensões nas costas distorcem o fluxo adequado e o congestionam.

Examinemos por um momento como o ego fraco influencia as outras funções dos dois centros supra mencionados: se você é fraco e dependente, você tem que ter medo. Portanto deve lhe faltar a coragem para a grande experiência de viver, para a sabedoria mais profunda que transcende o ego. O ego fraco faz com que você se agarre tão fortemente que o impossibilita de se abrir para aquilo que jaz além do seu alcance. É preciso força para confiar, amar e ser feliz para permitir que os processos involuntários façam a sua parte na atividade de viver. Se o ego não for flexível e forte, a percepção da realidade maior da vida será impedida independentemente de você acreditar que ela seja a única função com a qual possa contar.

O centro seguinte fica na garganta. Ele representa a capacidade de absorver, ingerir e digerir, assimilar e aceitar. Um indivíduo rígido, cujos problemas internos inconscientes criam danos, fatalmente se colocará contra uma atitude flexível de aceitação em relação à vida, às circunstâncias, aos desenvolvimentos inesperados, às pessoas e às próprias inconsciências e imprevisibilidades inconscientes. A fraqueza do ego, a falta de responsabilidade por si mesmo, independência, o centro fraco nas costas terão como contraparte uma frente rígida que se recusa a absorver e engolir o que quer que seja. Ele teme a possibilidade de ser crédulo porque bem no fundo não quer sustentar-se sobre as próprias pernas; ele teme a sua falta de determinação porque anseia por aprovação mais do que pela integridade de ser verdadeiro para com o self – para com a verdade, por assim dizer. Portanto muito do que a vida traz não pode ser aceito e processado.

O próximo centro localiza-se entre os olhos. Na Filosofia Oriental uma grande ênfase é posta nesse centro. Ele é frequentemente chamado “o terceiro olho”. Esse centro é uma manifestação preliminar da inteireza e do preenchimento espiritual totais, da total realização do Self Divino que é expresso no centro do alto da cabeça. O centro entre os olhos é uma vasta capacidade de visualizar, de ver, de compreender. Se os outros centros mencionados antes estiverem abertos, fluentes, harmônicos, surge uma visão e percepção espiritual que traz uma perspectiva inteiramente nova da vida, do Universo, do self, de tudo que é. A abertura desse centro anuncia a integração total expressa no centro do alto da cabeça. Este último combina todos. Quando isso acontece, sabe-se que não há limite e tudo é um.

Naturalmente a abertura de cada centro requer muito trabalho. Exige uma mudança total da sua consciência., o que quer dizer, talvez ainda mais, o seu inconsciente. O seu ser consciente com frequência tem o conhecimento certo, mas não é sustentado pelas suas percepções e reações inconscientes. Assim o trabalho é longo e concentrado. Mas, a partir de um certo ponto, ele se torna prazeroso, depois que as principais resistências são superadas. E você só pode fazê-lo tornando-se completamente consciente delas. Quando tais resistências abrem caminho após um certo período, a sua expansão se torna principalmente uma alegre expressão da vida em si mesma.

Mais uma palavra a respeito da divisão de personalidade da humanidade, o dualismo que de vasta as faculdades internas de uma pessoa para enfrentar o que quer que seja. Esta tem o objetivo de ajudá-lo a crescer a partir dela de forma que os seus medos e defesas possam começar a relaxar bem no seu íntimo. O primeiro passo deve ser tornar-se consciente de medos até então inconscientes. Isto não é tão fácil como soa, como você que trabalha neste Pathwork bem sabe. Porém, uma vez que você esteja plenamente consciente deles, você tem que achar uma maneira de abandonar a compressão que esse medo cria. Isso só pode ser feito se você aceitar ao invés de resistir. Mas o que você deve aceitar? Privação, frustração, sacrifício? A religião tem ensinado isso através dos séculos e dos milênios, por causa do seu próprio mal-entendido. É verdade que a aceitação deve ocorrer pois enquanto você diz “eu tenho que ter isso e não devo experimentar aquilo”, você se encontra em um estado de cerrada e ansiosa defesa. Você está em um conflito insuperável. Essa é, talvez, a mais árdua lição a ser transcendida pelo estado humano. Como pode você não aderir ao “eu tenho que” sem abrir mão da sua felicidade. Isso é tão facilmente confundido com negatividade, resignação ou mesmo com a autonegação masoquista. O postulado religioso de que a pessoa boa deve se sacrificar é um erro. O significado original tem duas facetas: (1) às vezes o egoísmo tem que ser superado se o que está em jogo para o outro é mais importante que aquilo que o self pode ganhar. O sentimento de amor geralmente não experimentará tais atos como privadores, absolutamente; mas tal amor não pode desenvolver-se em um clima de medo e coerção. (2) Mais importante até é o fato de que aqui a atitude de abrir mão é enfatizada. Todos os genuínos visionários espirituais tentaram transmitir isso à humanidade. Só dentro da dualidade da mente esse ato de abrir mão implica “eu devo desistir daquilo que quero”. Além da dualidade isso não é assim. Se você for capaz de aprender a deixar ir, abrir mão, se necessário, sem abandonar a autorrealização, o seu preenchimento, você pode realmente ter que aceitar primeiro que uma manifestação específica do seu desejo não pode ser atendida como você a tem em mente. Isso é o resultado dos seus próprios conceitos internos limitados e dos centros de energia fechados que não permitem a expansão. Você ainda sofre com esses resultados e eles devem ser temporariamente aceitos (engolidos), sem, contudo, perder completamente. Se você abre mão em um sentido de privação temerosa, resignada, obediente, sacrificial, você permanece na dualidade. O movimento de descompressão só pode ser temporário. Mas se você pode abrir mão em um espírito de expectativa confiante, a sua perda momentânea necessária em breve se revelará um ganho. Você dá espaço para novas e diferentes possibilidades de experiência se não insiste em uma forma limitada agora mesmo. Se você aprende a abrir mão dessa maneira, você transcende a dualidade. Você sai da luta para lidar com o medo e a privação, por um lado, e contra o apego estrito, com culpa e ansiedade, por outro. Se você pode deixar ir no espírito confiante de “se não posso tê-lo desse jeito, talvez o tenha de outra maneira, se não agora, mais tarde”, você perderá o medo, a compressão dos centros, o sentimento de perda. Então as forças da vida vão borbulhar e projetar-se através do seu sistema interior, de todo o organismo, o físico, o mental, o emocional e o espiritual. Elas vão trabalhar em completa harmonia, funcionando do modo ao qual a vida é destinada, que é plena bem-aventurança e maior expansão para sempre. Então os centros de energia vão funcionar

em harmonia e vão descartar a energia residual que agora está retida no interior do seu sistema. Não pode haver intoxicação psíquica maior que o resíduo de energia não eliminada que deveria deixar o sistema. Você sabe que isso é verdadeiro para tudo o mais – alimento, água, ar. Assim o mesmo princípio deve se aplicar ao “metabolismo” da energia e de material mental. Tudo o que funciona adequadamente deve ser constantemente renovado, descartado e levado dali para que se reúna material novo.

Tente digerir um pouco do que eu disse aqui. Estude essas palavras, faça uso delas, siga com elas, aproprie-se delas. Deixe que seja um incentivo o fato de que a vida pode ser diferente do que é. O que você experimenta agora, na melhor das hipóteses, é apenas um pequeno sinal do que ainda o aguarda. E as dificuldades que você experimenta são uma espécie de doença, por assim dizer, e desnecessária – algo que pode certamente ser eliminado se você aprender a compreender adequadamente o seu significado. E isso é, naturalmente, o mais importante. Pois a maioria dos seres humanos experimenta suas dificuldades como se elas chegassem por acidente. O pensamento de que “a vida é assim” impede a conexão da consciência para ver a dificuldade como uma expressão vital do self, não importa o quanto pareça ser infligida ao self a partir do exterior. Isso nunca é assim. E na medida em que você é capaz de compreender a sua experiência de vida como uma expressão daquela parte de você com a qual não está ainda familiarizado, você vai realmente superar a obstrução da sua felicidade. Todos vocês precisam de ajuda para fazê-lo. A vitória, a libertação, o jorro de alegria e paz que advém daí são incomparáveis. Nenhum bem que lhe chegue do exterior, porque acontece dos outros agirem de acordo com a sua vontade, pode jamais dar tanta paz e trazer tanta alegria quanto a percepção e a compreensão das suas dificuldades. Essa é a realmente a transcendência e a evolução do seu ser pessoal. Então a alegria se expandirá para sempre e a vida se tornará cada vez mais como ela deve ser, como ela já é, enquanto potencial existente nessa outra dimensão da qual você ainda está separado em sua consciência.

Abençoados sejam, todos os meus caros amigos presentes. O amor do Universo, o amor aqui presente, abarca e envolve todos vocês, onde quer que estejam.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.